

"O Globo" - 15.9.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

PARAFINA

CITEL, ontem, trechos da carta em que um funcionário da Petrobrás reclama contra a disparidade de tratamento do pessoal estrangeiro e do nacional. Cita o missivista, vários casos em que houve, em seu entender, injustiça para com engenheiros brasileiros e excessiva contemplação para com seus colegas estrangeiros. Prefiro, entretanto, não os referir para não particularizar excessivamente este comentário. Citarei apenas este tópico: "nas férias, todo técnico estrangeiro recebe da Petrobrás passagens de ida e volta para si e sua família até seu local de origem; aos brasileiros, nem um abatimento na NAB a Petrobrás proporciona..."

Se, como diz o funcionário que me escreve, essas coisas têm contribuído para a queda de entusiasmo dos engenheiros brasileiros, creio ser o caso de a direção da Petrobrás estudar um meio de reduzir essas diferenças na medida do possível, embora não possamos pretender um aumento tão grande de despesa com o pessoal como o que seria necessário para equiparar vencimentos e vantagens. O problema é delicado.

Mas há outro que me preocupa mais, porque resulta numa queda de produção de óleo. O caso refere-se aos famosos PMS (pedidos de material à sede), a que já me referi. Passo a palavra ao missivista:

"Nos poços surgentes de Catu, Candelas etc., ocorre um problema sério de parafinação das tubulações. Essa parafina é removida com a "faca", uma lâmina puxada desde 700 ou 800 metros (abaixo dessa profundidade a parafina mantém-se líquida) até a superfície, através de um arame. O arame é comum, apenas de um aço mais resistente. Pois bem: há 8 meses atrás, Catu, Mata de São João, Taquipe e outros campos estavam com um problema seriíssimo de produção: mais de 1.000 barris diários deixavam de ser produzidos por falta de arame para "faca". (Cada poço precisa ter 800 e poucos metros de arame para que possa ser executada diariamente essa operação de desparafinação.) Os PMS que pediam arame de "faca" (os melhores são fabricados pela Bethlehem) levaram meses e meses para serem atendidos.

O "nacionalismo exagerado" de que você falou aplica-se também — creio — à compra de um novo carro-tanque para fazer a operação de desparafinação das linhas. Em 1957 foi adquirido um para realizar essas operações nos Campos de Catu, Mata e Pojuca. Naquele tempo, Catu possuía 40 e poucos poços. O mesmo carro atende hoje aos 140 poços de Catu e mais aos campos de Taquipe, Buracica, Cassarongongo, Mata Pojuca e Sauípe. O problema da parafina continua insolúvel; tão insolúvel quanto a própria parafina..."

P. S. — Sartre autografará depois de amanhã, sábado, seu livro "Furacão Sobre Cuba", no Super Shopping Center de Copacabana, na Rua Siqueira Campos, 143, das 20h 30m às 22h 30m. O livro tem, em apêndice, depoimentos de Fernando Sabino e deste cronista sobre a Revolução Cubana, e é o primeiro lançamento da Editora do Autor.

154